

O HOMEM LIVRE

CLASS.	11
São Paulo, 14 de Agosto de 1933	
Redator-chefe:	GERALDO FERRAZ
ASSINATURAS:	
ANO	204000
SEMESTRE	104000
NUMERO AVULSO	\$200
Rua do Carmo, 11 — 1.º andar	
Ano I	N.º 11

Na barafunda do fascismo brasileiro

Quando Mussolini proclama que este é o século do Fascismo afirma, evidentemente, uma crença. A vitória hitlerista sobre o proletariado alemão não autoriza a afirmação do Duce. Pelo contrário.

A vaga criminosa do nazismo danificou a reação fascista ao invés de fortificá-la internacionalmente — porque, afinal abrimos os olhos de todos os que se obstinavam em não ver o perigo que ameaçava de submergir as conquistas civis do mundo do trabalho.

E a verdade dêtes fáto está nos esforços inauditos que o ditador italiano, nestes últimos dias, está dependendo para evitar que seu imitador de além-alpes cometa besteiras irreparáveis. Que o fascismo tenha encontrado aqui e acolá alguns apaniguados, é coi-

sa inegável, mas, apesar disso, parece-nos irrealizável o sonho dos vários Mosleys e dos vários Rolões Pretos, depois do despertar das esquerdas proletárias.

O mesmo pode-se dizer acerca do nosso fascismo que, apesar de tão bebê, já se despedaçou em tantas sub-tribus.

A macaqueação é, em certos estratos sociais brasileiros, uma doença constitucional, mórmente devido a ser uma resultante de uma absoluta pobreza de ideias mesmos sobre as questões mais elementares.

Quando um cidadão aparece por aí com uma ideia qualquer ou com uma qualquer iniciativa, uma semana depois encontra, entre nós, centenas de imitadores.

Foi o que se deu com o golfinho, com os rinks, com os prali-

nés, com os pasteis de chinês e com as salchichas alemãs. E' o que se está dando com o fascismo. E' sempre a mesma história de "macaqueação cabocla do europeu" de que fala Vicente de Carvalho.

O que é curioso é que mesmo os que se fizeram introdutores dos novos figurinos políticos da Europa, berram continuamente contra as ideias exóticas e, tanto para variar, apegam-se a esta fabulosa "realidade brasileira" que pessoa alguma soube ainda dizer o que seja, nem mesmo o major Juarez Távora que, explicando-a com uma frase que não diz nada — «a realidade brasileira», — inventou uma charada que está esperando em vão o seu decifrador.

Já assistimos a muitas tentativas fascistas sérias, e com particularidade no quadriênio Bernardes, através de uma perseguição sistemática contra o movimento proletário, com diversos ensaios de legislação tapeadora do trabalho e com a organização dos sindicatos policiais de Moreira Machado.

Quando, depois da vitória da insurreição de Outubro de 1930, Batista Luzardo — o soturno herói de Italy — chegou a S. Paulo, declarou, numa entrevista concedida a um jornal italiano daqui, que o movimento que se concretizara no atual governo era inspirado aos ideais de Mussolini. E ele mesmo, com o Ministro do Trabalho e outros, mais tarde esforçou-se por prová-lo.

Portanto, os "duces" que hoje bancam os salvadores da pátria, chegam com notável atraso.

Isto não impede que se as organizações da esquerda se abandonem à inércia perante os seus cambalachos, o que hoje é um espetáculo cômico poderia também custar lágrimas de sangue ao nosso povo.

Polemizando com Salvador Madariaga, o secretário arquiburguês Paul Valéry escreveu há poucas semanas:

"Si cruels qu'ils pourront être (os fascistas), leur bêtise fera palir leur cruauté".

Podemos muito bem falar sobre a "betise" fascista, mas procuremos precaver-nos contra o essencial: contra a resultante possível desta crença.

A característica do fascismo brasileiro é uma desoladora pobreza intelectual. O fáto que Gustavo Barroso, presidente da Academia Brasileira de Letras, se tenha enrabichado por Plínio Salgado, em companhia de Ribeiro Couto, não muda a nossa constatação. Muito pelo contrário!

O integralismo pliniesco não é sinão uma remasticação muito pouco inteligente de algumas ideias do fascismo italiano e do integralismo português. Seu programa, hoje lançado nas livrarias,

"Com o advento do nazismo, a cultura atingirá a graus até hoje desconhecidos"

(Alfred Rosenberg)



Por decreto do governo do Reich, de ora por diante os condenados à morte serão executados a machado — (Dos jornais)

A America do Sul na politica Mundial

Não é certamente por uma coincidência, diz o «Rundschau», de Basileia, que os primeiros tiros de canhão, preludiando a futura guerra mundial, tenham se feito ouvir quasi que simultaneamente na America Latina e no Extremo Oriente. E' que a China, como os países da America Central e do Sul, representa um campo de rivalidades e de aspirações imperialistas onde o antagonismo de interesses deveria algum dia chegar a um conflito armado.

Se no Extremo Oriente — continua o «Rundschau» — os apetites japoneses tiveram um papel essencial na genese dos conflitos que, por um momento, sofrem um hiato com a capitulação chinesa, não é menos verdadeiro que o antagonismo fundamental, nas costas do mar Amarelo como no continente sul-americano, concerne as duas potencias de expansão mundial: a Inglaterra e os Estados Unidos.

E' a luta anglo-yankee pela posse e exploração das riquezas imensas de que dispõem os países da America do Sul, é a rivalidade de Londres e de Washington pela conquista dos esconduros ilimitados de mercados que representam, que emprestou ao desenvolvimento econômico dos países latino-americanos um caráter tão grave, on-

de as revoluções e as guerras apresentam por assim dizer um ritmo regular.

A City londrina e a Wall Street de Nova York são os lugares onde convem procurar os prégos em que juntam os cor-deis com os quais os prepostos dos magnatas da industria e do comércio levam os governos — «marionnettes» da America Latina às inextricáveis aventuras guerreiras ou revolucionárias. Crises governamentais, graves, catastrofes econômicas, motins militares, conflitos armados, atormentam as populações já duramente castigadas por uma depressão econômica sem precedentes.

Não é somente nos bastidores da diplomacia mas, mais diretamente, pelos empréstimos e pelas encomendas de armas e munições, que a Inglaterra e os Estados Unidos sustentam e estimulam as partes hostis. E onde alguns sonhadores queriam ainda ontem fundar uma grande e pacífica «confederação ibérica», combates sangrentos dilaceraram as populações.

Mais de 25 por cento das inversões no estrangeiro dos Estados Unidos e da Grã Bretanha são colocadas nas empresas industriais e comerciais fundadas nos países da America do Sul. Em um lapso de tempo bastante

(Continúa na 4.ª pag.)

Contra uma manobra fascista

Ao que nos informa uma comunicação officiosa, a Autoridade Judicial do Rio Grande do Sul, baseando-se sobre um parecer do ministro Bento de Faria, submeterá a processo um jornal alemão de Porto Alegre, culpado de haver insultado gravemente o chanceler Dollfus.

Essa providencia foi tomada depois de um protesto enviado pelo representante diplomático da Republica Austriaca no Brasil.

Comentando a noticia, um jornal fascista de idioma italiano, o «Fanfulla», ao mesmo tempo que aprova a decisão tomada, regosija-se com a medida adotada que, de ora por diante, constituirá um precedente que será invocado em todos os casos análogos que irão surgindo.

«Dessa forma» — diz o jornal mussoliniano, — «serão punidos todos os que cultivam o esporte de insultar os chefes das nações amigas do Brasil».

O alvo a que visa o «Fanfulla» é evidente: reclama-se o regime da rôlha para todos os que — brasileiros e estrangeiros, — ousam criticar os métodos de governo do «Duce» ou então dos seus colegas da Alemanha e de alhures.

A coisa nos diz respeito muito de perto. Por isso cremos de dever e de necessidade fazer uma nota ao comentário fanfulliano.

Antes de tudo, fazemos notar que, com toda probabilidade, o jornal alemão incriminado deve ser um jornal nazista. Sabemos, de fáto, que os hitlerianos estão fúlos de raiva contra a burguesia danubiana que, apoiada pela Entente, resiste à absorção e às tentativas violentas de conquista do governo nazista.

Mas não é só isso: o unico jornal anti-fascista alemão de Porto Alegre, o «Aktion» que nós recebemos regularmente e que lemos sempre com atenção e interesse, jamais dirigiu ataques de qualquer natureza contra o «premier» austriaco.

E eis que cáe completamente a especulação fascista contra as «intemperanças» da imprensa anti-fuehrerista e anti-ducesca.

Segundo ponto: os anti-fuehreristas não injuriam por «parti-pris», mas defendem ideias e expõem fatos. Não tomam empreitadas por conta de ninguém, mas colocam a batalha sobre o campo elevado dos grandes ideais de liberdade e justiça que os diversos fascismos desejariam conculcados para sempre.

Falando em primeira pessoa podemos dizer que poucos jornais são, tanto quanto o nosso, contrários ao velho estilo de bordel, inaugurado entre nós pelo fascista Freddi, e tanto quanto o nosso, apegados às demonstrações incontestáveis. Basta passar os olhos pelos 10 numeros até agora publicados do O HOMEM LIVRE, para certificar-se disso.

(A esta altura achamos conveniente dar uma amostra da má fé e dos métodos polemicos de nossos adversários. Em nosso ultimo numero dedicamos um longo artigo ao exame de um livro do escritor italiano Antonio Aniante, inspirado — com toda evidencia — por Mussolini, resportando-lhe muitos trechos. Pois bem: o jornal fascista «Corriere degli Italiani», reproduziu uma das citações — que no livro em questão se encontra á pagina 177 — e, depois de nos ter transformado em seus autores como uma cara-dura e com uma desenvoltura simplesmente fascista, chega á sem-vergonhice de escrever: «Nós perguntamos si se pode ser mais miseravelmente mal-criados e idiotas do que isso». E quando tivermos repetido que a citação por nós reproduzida é da autoria de um escritor fascista, cremos que é superfluo fazer-se qualquer comentário...)

Combateamos Mussolini, Hitler, Pilsudsky, Horty, Machado e todas as ditaduras grandes e pequenas em nome

(Continúa na 2.ª pag.)

(Continúa na 2.ª pag.)

Na barafunda do fascismo brasileiro

(Conclusão da 1.ª pag.)

não contém uma única ideia original, não coloca um só problema com seriedade, nem mesmo em campo burguês.

E não é por acaso que se assiste ao espetáculo lamentável de um pobre menino, aproveitável — quando muito — para figurar na Academia de Letras de Pirapóla, Miguel Reale, que se apresenta como "teórico" do Integralismo, com as sabatinas anêmicas servidas em jornalísticos semi-clandestinos de mocinhas românticas "da guarda", e nas quais nem mesmo as citações das paginas-côr-de-rosa do Petit-Laroussel-Illustré são apenas adivinhadas.

E perante Plínio Salgado, eis J. Fabrino, ex-perrepista como ele e grande "causador" — com respeito de Deus.

Após ter enchido e estufado a pança com Julio Prestes e Lazary Guedes (1), o inefável Fabrino considera que é hora de regenerar os costumes políticos da nossa terra, e nesse sentido lança a sua "Ação Social Brasileira", com o apoio do padre Assis Memória, de Henrique Pongetti, dos filhos superstites de Mário Rodrigues e de outras notáveis personalidades do mesmo calibre.

...

No manifesto de Fabrino, além dos nomes de Hegel, de D'Annunzio, de Musolini e de... Tácito, não encontramos que nos despertasse a atenção.

Mais importante parece-nos um folheto de propaganda do mesmo senhor, em que se pede ao governo que, de agora por diante, proíba a entrada de todos os imigrantes cuja estatura seja inferior a um metro e sessenta.

(Atente o padre Assis Memória, firmatário do folheto a que, segundo a opinião dos agiôgrafos, o santo Paulo de Tarsia não alcançava a estatura estabelecida pela Ação Social Brasileira, o que o inibiria de desembarcar nos portos do Estado a que deu nome, caso voltasse cá por estas bandas de Santa Cruz!).

Nossa fauna fascista, porém, não está completa. Existe ainda Arlindo Veiga dos Santos com os seus parentes e compadres do jornal católico imperialista "O Seculo" que profetizam a imminente ascensão ao trono do Brasil de Pedro Henrique, quem, em carta de data

muito recente, se declara abertamente pretendente ao trono de D. Pedro II.

E como se isto não bastasse eis o ilustre causidico Joaquim Eugenio de Lima Neto, chamado também "o gato borralheiro" que, em recente entrevista, se bate pela volta ao... feudalismo!

Inquery, porém, ainda não está completo. Menotti del Picchia ensaia vãos litero-técnicos, cada vez mais compenetrado da propria excelsa grandesa.

E tem mais. Um desconhecido messias que, por ora, assina modestamente EGO BRAZ, lança o seu brado de guerra em favor de uma nova doutrina: o brasil expansionismo "salvo expressão melhor", como se declara textualmente no manifesto-programa).

Os brásilexpansionistas, entre outras coisas notáveis, têm um seu símbolo que "representa um elemento decorativo poli morfo de grande plasticidade, estilo E.B., já elaborado, que, reproduzido no calçamento, em fachadas, grades e portões, tapetes e soalhos, moais e adereços, ha de lembrarnos a cada passo e a todo instante a sublime nobilitante missão: tudo pré-Expansão Brasil".

O aspecto pratico do brásilexpansionismo é muito simples:

"O Engenheiro cuidará dos motores, o Artista das expressões, o Advogado das leis, o Sacerdote da alma, o Banqueiro (mais afortunado) cuidará da moeda, enquanto que o operario accontentar-se-á de "vibrar o martelo".

...

Um celebre medico patricio escreveu que o Brasil é um grande hospital.

Não é algo peor. E' uma grande gaiola de loucos e de bufões.

Mas o mal está em que uns e outros assentam sobre o cangote do eterno Jéca...

JUCA PIRAMA

1) Um jornal do Rio, que tem o nosso mesmo nome, acusou-o de ter recebido 15\$000 por copia afizada do celebre cartaz eleitoral, representando Julio Prestes vestido de "trabalhador". De resto, já anda correndo mundo uma acusação contra Plínio Salgado a proposito do fornecimento das urnas encomendadas por ocasião das ultimas eleições.

Contra uma manobra fascista

(Conclusão da 1.ª pag.)

da liberdade e do direito humanos, conservando-nos nos sulcos de uma gloriosa tradição, dado que a luta contra a tirania política e o desfrutamento econômico foi sempre de atualidade, desde o principio da existencia do mundo.

Combate-mos o fascismo com armas que nobilitam aquêles que as empregam. A injuria sistemática não faz parte de nosso arsenal. Isto, não porque os ditadores reacionários não o mereçam, ou por um sentimento superior de cavalheirismo, que, no caso, seria inadmissível, mas simplesmente porque a injuria não adianta nada na luta política e, de outro lado, porque a espessa lanugem que cobre a consciência dos fascistas lhes impediria de sensibilizar-se por ofensas de qualquer natureza.

A calunia e a injuria, armas caracteristicamente fascistas, opomos as armas da verdade, apesar de serem — infelizmente — muito frágeis.

Não ha de ser, certamente, a insi-

nuação do "Fanfulla" que nos fará mudar de attitude.

Poder-se-á infligir-nos golpes pesados: mas isso não será suficiente para obrigar-nos a calarmos-nos.

Se amanhã formos levados ao banco dos réus, para ali transportaremos nossa tribuna.

Podemos assegurar aos senhores fascistas que eles nada teriam a lucrar com tal probabilidade.

Ser-nos-á pedido provarmos as acusações que todo o mundo civilizado levanta contra o fascismo sanguinario? E nós as provaremos!

Evocaremos, perante os juizes, todos as victimas de uma reacção bestial que deshonra a nossa época e a nossa sociedade.

A "peste negra" não nos impedirá de desmascarar-la tanto aqui como nos países que lhe estão infelizmente sujeitos.

Levai-nos perante a Justiça, ó senhores da "Fanfulla": prometemos fornecer-vos biograffias do vosso "Duce" e de seus sub-chefes, tais que perdecereis para sempre a vontade de ser-

Recrudescce a repressão na Itália

A "INFORMAZIONE ITALIANA", de Zurich, publica em seu número 7, de 5 de julho, informações detalhadas acerca do extraordinário aumento da repressão na Itália, o que demonstra com clareza que as bases do regime "totalitário", começam a periclitar, fazendo-se necessário apertar mais e mais o torniquete da reacção. Eis as informações:

OS GRAVES ACONTECIMENTOS DE PONZA

"Damos abaixo as primeiras notícias acerca dos gravíssimos acontecimentos verificados em Ponza na primeira quinzena de junho.

Nos fins de maio, a direcção da colonia deu a publicidade uma portaria baixada em Roma, cuja applicação deveria iniciar-se em 10 de Junho, que despertou profunda indignação entre os presidiarios.

A portaria ameaça a prisão a todos os que se reunirem em grupos de quatro pessoas. Proibem aos presidiarios de visitar, sob qualquer pretexto, os outros colegas. Proibem-lhes, ainda, de se reunirem "em qualquer número" na rua. Proibem-lhes frequentar os lugares publicos, inclusive a delegacia de policia!

Quem não respecting estas disposições está ameaçado de sofrer uma prisão de tres meses a um ano.

Estas incriveis medidas são agravadas pelo facto de que sua applicação permite os piores abusos por parte da milicia fascista.

Mas a significação destas restrições draconianas é a de destruir a possibilidade de funcionamento de todas as instituições coletivas dos presidiarios, entre os quais é incriticavel, pela própria natureza do ajuntamento a criação de certas instituições coletivas.

Ademais, os presidiarios vivem em espaço tão apertado que essas restrições não podem ser realizadas de qualquer maneira.

Finalmente, a portaria foi baixada exatamente para permitir aos milicianos fascistas qualquer excessos contra os presidiarios. Bastaria a afirmação de um miliciano de ter visto quatro presidiarios juntos, para provocar a sua prisão e a inevitável condenação.

No dia 7 de junho, os presidiarios souberam que a direcção já havia preparado uma lista de presos que deviam ser condenados nos termos da nova portaria. De facto, no dia 8 já se haviam verificado algumas prisões.

Qual é o escopo dessa medida feroz?

O governo fascista não pôde tolerar que centenas de presidiarios politicos, condenados por anos a uma ilha de deportação, se mantinham firmes em suas idéas, conduzam uma vida de serenidade, de estudo, dando a todos os ilhecos e aos fascistas, o exemplo de uma força moral verdadeiramente superior.

Inventar "complots", aumentar as provocações e as arbitrariedades, impedir qualquer iniciativa social e civil dos presidiarios, tentar embrutecê-los afim de minar-lhes a firmeza politica, esta é a politica que o governo fascista ordena aos seus carrascos de empregar nas colonias dos presidiarios.

E' sob este ponto-de-vista que precisa julgar os graves factos ve-

des policiaes também fora de vossso ambiente.

Provate per credere.

A. Z.

rificados na colonia de presos de Ponza.

No dia 9, 152 presidiarios, decididos a acabar com estas provocações bestiais dirigiram-se em massa para a direcção da colonia politica e manifestaram-se atirando ao corpo da guarda os 152 liectos de permanencia.

O comando mandou tocar sentido imediatamente. Todas as forças de policia accorreram ao local.

Os presos foram circundados por duas centurias da milicia e por um piquete de carabinieri. Foram conduzidos para as celas comuns e uma lancha partiu para Gaeta afim de avisar aquela base naval.

Depois da chegada de um na-

vio da marinha de guerra, carregado de carabinieri, os presidiarios foram embarcados, bem manietados e acorrentados. Durante esta operação foram surrados a sôcos, ponta-pés e, alguns, gravemente feridos a coronhadas.

Ordens, logo baixadas em Roma fizeram com que o processo se efetuasse sem nenhum inquerito sem nenhum interrogatorio e sem nenhuma defesa, em quatro dias.

Efeticamente, a 15 de junho todos os presidiarios foram condenados a um minimo de 5 meses. Alguns, considerados como responsáveis sofreram penalidades ainda maiores".

As realizações do regimen

A reacção torna-se mais feroz

"Podemos afirmar, baseados em fontes autorizadas, que nem todos os processos realizados contra os denunciados ao tribunal especial, são comunicados á imprensa fascista.

Muitos ex-presos asseguraram-nos formalmente que muitos anti-fascistas chegam ás casas de martirio, onde são enviados, em consequências de processos de que não se tivera noticia nas crônicas judiciais dos jornais fascistas.

Além disso, muitas familias de denunciados ao tribunal especial, a prenhas pelo destino de seus componentes, apesar de seguirem os jornais com a maxima attenção não encontraram nunca a sentença de seu processo, mas recebiam, no entanto, cartas dos seus, anunciando a condenação e os particulares do processo não publicado.

O governo fascista chegou a tal ponto de degenerescencia que até tem vergonha da maneira por que administra a sua "justica de classe".

UM TUBERCULOSO MANDADO PARA A ILHA PELA TERCEIRA VEZ

"Em 1926, o comunista Pompilio Molinari, de Roma, gravemente atacado de tuberculose, pai de quatro filhos, foi enviado ao "confinio" por três anos. Nos fins de 1929, tendo terminado a condenação, voltou á cidade natal: mas alguns meses depois, com os pretextos de praxe foi deportado pela segunda vez, e condenado a ficar na ilha por mais 3 anos.

Deixamos de descrever todas as aggressões e arbitrariedades de que foi objecto por parte da policia e da milicia fascistas durante esses anos de deportação: preso e surrado inumeras vezes, este heróico anti-fascista se manteve sempre inabalavelmente firme nas suas idéas.

No mez passado (junho), terminada a segunda condenação, voltava em Roma, em condições de saúde muito graves. Mas tambem desta vez não ficou em casa sinão por alguns dias. Soube-se que foi preso novamente e deportado pela terceira vez!..

A prova das gravissimas condições de saúde de Molinari, é fornecida pelo facto de que, durante a viagem de Roma á nova ilha de deportação, ele sofreu uma forte epilepsia que obrigou os seus carrascos a interná-lo num hospital de Nápoles.

Por que tamanha ferocidade contra este honesto trabalhador?

A resposta é simples: ele é um dos mais estimados representantes da massa operária de Roma.

Porisso... é preciso livrar-se dele!

"ANESTIADOS NOVAMENTE PRESOS"

"Em Sesto Inolese, por ocasião

AGENCIA BREMEM

Lgo. Sta. Efigenia, 13

Tel. 2-5413

O PAPA, INSTRUMENTO DE REACÇÃO

"Os anti-fascistas de Roma e arredores deliciam-se, em constatar que ás datas mais ou menos "históricas" em que milhares de antifascistas (mas existem sempre?) são perdoavelmente detidos por uma semana — salvo complicações — é preciso acrescentar atualmente todas as vezes que o papa decide alguma "sordida" mais ou menos carnavalesca.

Como se vê, todos os salmos acabam em gloria!"

PRESO POR NÃO TER ENCONTRADO TRABALHO

"Nosso correspondente da Calabria comunica-nos um facto que, infelizmente, se verificou em diversas regiões da Itália.

O anarquista Searrelli, ex-deportado, vinha sendo constantemente importunado por parte das autoridades de Cosenza por não adotar um trabalho fixo. No entanto este trabalhador despendia em vão, ingentes esforços no sentido de alcançar esse desideratum. (Esse comissario de policia parece que ignora que na Itália existem 2 milhões de desocupados).

Devido a novas pressões por parte da policia, o operario tentou explicar (a quem devia estar melhor informado do que ele) que não lhe fora possível encontrar emprego.

Isto fez surgir uma altercação que terminou á maneira fascista: o trabalhador foi surrado e metido na geladeira, onde ainda se encontra.

Talvez muito poucos conheçam este novo aspecto da legislação social fascista".

(Noticias de "L'Informazione Italiana")

A INEXISTENCIA DA ALMA

Novo livro que trata da realidade da vida
ACHA-SE A VENDA
EM TODAS AS LIVRARIAS
Preço 3\$000

Prof.

Dante Fantauzzi

CURSO DE VIOLINO

Rua da Consolação, 98

LITERATURA

Quando Marx e Engels eram poetas

KARL MARX POETA FANTÁSTICO

O poema de Karl Marx que reproduzimos abaixo apareceu pela primeira vez em 3 de Janeiro de 1841, no "Atenêo", uma revista hebdomadaria berlinense publicada pelo "Círculo dos Atenienses e Amigos do Povo". É uma das raras poesias de Marx que não se perderam.

Causará talvez admiração o seu caráter romântico e mesmo fantástico. Mas é preciso lembrar-se que o fantástico era um gênero muito em moda na Alemanha daquela época. Escritores como Hoffmann, Kleist, Chamisso, utilizaram-n'o largamente. E Marx, poeta, não fez senão imitá-los, o que lhe valeu ser chamado por seu pai o "poeta fantástico".

O MÚSICO

O músico faz vibrar seu violino.
Cabêlo em desalinho,
Espada á cinta,
E ampla túnica, caíndo em pregas.
— Músico!

Porque tens tanto ardor á tua musica?
Porque é tão estranho o teu olhar?
Porque teu coração pulsa tão forte,
Como querendo saltar do próprio peito?

— Porque vibra tanto a minha musica? Porque
Meu coração pulsa tão precipitado,
E o meu olhar se vela e o peito freme,
E resôa minha alma até aos Infernos?
— Músico!

Porque tão cruelmente te escarneces?
Tua arte, presente de um Deus bom,
Te eleva a alma, em ondas de harmonia,
Ao céu — para a dança das estrelas!

— Mentos! Não temes que a minha espada,
Negra de sangue,
Te trespassse o coração?
Não! Deus não conhece, Deus não ama a arte!
Ela entrou no meu ser como um fumo infernal,
Que me enlouquece e corrói-me o coração.
Comprei-a, viva, ao Príncipe das Trevas.
E' ele quem marca o compasso e rege a musica
E me obriga a tocar, cada vés com mais força,
A dança macábra, a dança dos mortos,
Até me rebentar o coração no peito.

O músico faz vibrar seu violino.
Cabêlo em desalinho,
Espada á cinta,
E ampla túnica, caíndo em pregas.

UM INEDITO DE FREDERICO ENGELS

Sabe-se que Engels era poliglota e conhecia uma dezena de linguas. Este poema faz parte de uma carta dirigida em 10 de Abril de 1829 pelo jovem Engels, que tinha então a idade de 18 anos, ao seu amigo Wilhelm Graeber, e escrita sucessivamente em grego, latim, inglês, italiano, espanhol, português, francês, holandês e mesmo em alemão. Foi para ilustrá-la que Engels escreveu o poema em questão.

Engels sonhava então ser o poeta da Jovem Alemanha e tentava versificar durante as horas de ócio. Tinha incontestáveis dons de poeta, como se pôde verificar por esta poesia, composta como por divertimento, e que não era destinada ao público. Publicamos-a a título de curiosidade.

LINGUAS

A lingua de Homero se assemelha
A's vagas do mar
Ondando lentamente, majestosamente.
Esquillo faz rolar os rochedos do vale,
Que tombam com ruído no fundo dos abismos.
Na lingua dos romanos, arenga aos seus exércitos
Cesar Imperator.

E com os blocos de pedra das palavras
Pouco a pouco constrói um edificio grandioso.
A lingua italiana, suave e doce,
Transporta o poeta a um esplendido jardim.
— Para a própria corôa Ariosto colhe flores.

O espanhol? Ouvís o vento através da folhagem,
Cantar os nobres tempos que se foram?
O português é o marulho das vagas na praia,
Syrinx a suspirar entre os juncals.

A lingua francesa é regato apressado
Que corre alegremente em leito de saibro.
A lingua dos ingleses — soberbo monumento
Roído pelo tempo e já coberto de hera,

Que a tempestade, aos ulvos, tenta derrubar.
Mas, a lingua germanica!
Retumba como a ressaca

Sobre agudos recifes orlando ilha graciosa.
São as vagas de Homero em lenta ondulação,
E' o trovão dos rochedos rolando das mãos do [Esquillo,

O edificio grandioso construído por Cesar.
E' o jardim recendendo os mais suaves perfumes,
Vento forte soprando através da folhagem,
Syrinx a suspirar entre os juncals.

Os alegres regatos aí cantam
Sua alegre canção.

E mais de um monumento,
Batido pela tempestade,
Eleva altivamente, em meio ás urzes,
As veneráveis muralhas, invadidas pela erva.
E' a lingua dos Germanos, a lingua eterna,
A lingua incomparavel!

"Historia do Brasil"

Essa "história do Brasil", de Murilo Mendes, é o ponto terminal da linha do "primitivismo" brasileiro que se iniciou com a poesia Pau Brasil e atravessou os sertões com Macunaima. Como ponto terminal, era justo que fosse acabar na estação D. Pedro II, no Rio de Janeiro. O percurso percorrido foi longo, e quando o tabaréu chegou á metrópole, cedo transformou-se num perfeito carloca. O livro de Murilo Mendes é, por um lado, um compendio oficial da história não escrita, adotada pela malandragem carloca.

A ingenuidade procurada com que Osvaldo de Andrade compôs o Primeiro Caderno de Poesia, a secreção sentimental com que os poetas de então lambuzavam os seus poemas e a instintividade primária de Macunaima vieram resultar aqui na irreverência zombeteira e na crítica já intelectualizada do pequeno-burguês citadino. E a poesia dita brasileira, ao cabo de sua evolução normal, encontrou a sua expressão ultima no espírito do pequeno-burguês da metrópole. Murilo Mendes, com a sua história, foi o arreimate de toda essa experiência, ele trouxe, incumbida na Capital da Republica, como que a síntese politico-mitológica dessa expressão poética nacional do Brasil que foi, durante alguns anos, o problema que preocupou a todos os literatos "modernos" do país. Esgotados os temas propriamente primitivistas, o pitoresco nativo, os encantos da tradição e da roça, os páteos das igrejas etc., etc., Murilo foi encontrar o seu arsenal poético na história oficial, na história escrita da pátria. Tirou das estatutas, das frases célebres e dos dramas do passado da nacionalidade a sua definição alegórica. Nessa alegoria, que encerra o ridículo e o sublime de um carro-chefe dos fenianos, está a sua essência poética. De fato, o livro de Murilo Mendes é o préstito fabuloso da nação brasileira. A crítica e a superstição, a apoteose e o grotesco desfilam no mesmo cortejo.

O Rio de Janeiro é a capital do pequeno burguês. O carloca é o pequeno burguês mais típico do Brasil. A sua irreverência crítica é acompanhada de um profundo traço supersticioso, assim como a sua malandragem não se separa de uma espécie do instinto de oposição. A agudeza do senso critico se casa a uma extrema tolerancia sentimental e a uma irritante superficialidade de julgamento e de atitudes. O jogo do bicho, o amor, a farra o carnaval, a malandragem, um certo lusofobismo e a politica de oposição, eis, esquematicamente, os traços característicos da mentalidade carloca. Todos esses traços se refletem nos poemas da História do Brasil. A pilhéria ao português, tão comum no Rio, ás vezes chega a tomar um certo caráter mais accentuado de preconceito quasi politico ou racista lusófono. "A colônia portuguesa — mandou para o jornalista — um saquinho de cruzados" e outras generalizações nesse tom enfraquecem algumas vezes a liberdade do desrepeito e da sátira.

Mas não é só essa "ideologia" carloca que se vê em História do Brasil". O pequeno burguês carloca, extremamente plástico ás impressões ambientes, começa a reagir por conta própria. O senso poético tende a subir para o cérebro e a tomar uma fascinante pureza intelectual. O maior interesse desses poemas está precisamente na sua lucidez politica, na sua exaltante intenção de não conformismo, de revisão austera de todos os valores consagrados de nossa mística nacional. Quando aqui e acolá essa intenção "auto-didática" falha, a lucidez empalidece, e a sua história banaliza-se.

A medida, porém, que o poeta caminha para os nossos dias, a sátira cresce de intensidade, a revolta lampeja aqui e ali, a poesia brota do prosaísmo das coisas e dos heróis, subitamente, como a falsa fulgurante do sillex morto e apagado. E a sátira toma ás vezes um ariuncalhe e uma simplificação verista que lembra George Grosz, sem naturalmente a violencia interessada e o ódio. E a precisão se accentua, alcançando a uma notável força de expressão sintética, como n'o brasileiro D. Pedro II em que todo o ambiente patriarcal com a modorra rotineira da economia escravagista do segundo império é traçado nesses versos:

Uma vasta somnolência
Invade toda a fazenda.
Sucedem-se os ministérios,
A Inglaterra intervém
No merendo das finanças,
Todos acham muito bom.

O imperador, de pluma,
Le o Larousse na mão
O fato é que com essa calma
Cincoenta anos se aguentou.

Na fase republicana, torna-se mais pessoal a sua verve. A relação do poeta como os acontecimentos é mais direta, e por isso mesmo a sua inventiva iconoclasta accentua-se, até chegar ao formidável "Hino do Deputado: que é a "canção do tamoio" da burguesia republicana:
Chora, meu filho, chora,
Al, quem não chora não mama,
Fica sem força p'ra vida,
A vida é luta renhida,
Não é sopa, é um buraco.

Não dorme, filho, não dorme,
Si você toca a dormir
Outro passa na tua frente
Carrega com a mamadeira.

A vontade viril de desmoralizar é uma das mais altas fontes de inspiração desse livro. Por ela o "historiador" atinge ao fundo das coisas, e coincide quasi com o rigor de uma interpretação materialista sociológica. Já tomou a popularidade anônima de um "dito" popular o verso lapidário sobre Itararé: "A maior batalha da America do Sul — Não houve" 1930 é nesse sentido um poema perfeito, e o poeta aqui antecipou-se ao historiador futuro, ao reduzir a farra armada de Outubro a "um pic-nic com carabinas".

A liberdade espiritual revela-se assim em toda sua plenitude, na hora mesmo em que a burguesia nacional punha todo o seu formidável aparelho de propaganda e de misificação para criar o mito da "revolução de outubro" com o seu séquito de heróis a três por dolo.

E' de salientar também a diferença de atitude do poeta em relação aos temas inspirados nos movimentos populares profundos, que surgem das correntes subterrâneas da sociedade, como na Cantiga dos Palmares, em que, por entre o fetichismo e a cachaca escapa um surdo acento de revolta:

Seu branco, dê o fóra
Senão toma pão.

Ou no Milagre de Antonio Conselheiro em que, apesar do exercício, da água benta e do fogo, a firmeza do fanático resiste a tudo e "O homem não sá". O tom comovido de esculhambação que dá á maioria dos versos da História do Brasil o seu sopro lirico mais alto some, transmutado em simpatia e compreensão, quando se trata desses episódios que a apologética oficial dos historiadores burgueses designam, pudicamente, por "páginas negras" da nossa história. Assim, a revolta dos marinheiros de 1910. O chicote de João Candido é a reabilitação deste heróico episódio da revolta da dignidade humana sob a blusa escravizante do marinheiro: "Seu marechal, dê o fóra,
Senão leva chibatada.

Meu chicote é sem piedade,
Sabe responder ao seu.

Na "Marcha da Coluna", Murilo Mendes transcende da própria significação do estranho ralde, que empolgou a imaginação de todos os pequenos burgueses do Brasil, para lhe dar uma força de símbolo das aspirações profundas, messianicas do povo, afinal, é quem cria a coluna, "diz acaba se desmaterializando, tornando-se transcendente e perene como uma ideia ou vaga sedutora como uma nuvem que corre no horizonte; a coluna não acaba:

A coluna vai na frente
Dos homens, das mulheres, das crianças,

A coluna marcha,
A coluna vai sempre na frente,
Nem sabe direito o que vai mostrar
O povo conta com a coluna.
A coluna conta com o céu.

A coluna marcha
Na frente dos cavalos das cidades,
(dos sertões,
Na frente das ondas, do fogo, das promessas,
A coluna vai a coluna vai, a coluna vai,

Não dá mais notícias
— Perdem a esperança, —
Nunca mais que volta,
Nunca mais que vem.

Se tivesse filho seria este o primeiro livro de história do Brasil que lhe poria nas mãos.

M. P.

"O HOMEM LIVRE"

Deixou as funções de diretor-gerente deste jornal, o sr. José Pires, que nada mais tem a ver com "O HOMEM LIVRE".

MUSICA

A temporada lirica oficial deste ano, não passará, ainda uma vez, de um oportuno motivo para uma serie brilhante de solrés mundana e de uma esplendida ocasião para as damas da "alta sociedade" ostentarem as ultimas criações de Patou e de Lanvin.

Os "divi" do "bel canto" atuarão tão somente para joias, plumagens, luvas, decolletés, trajes de rigôr, monoculos e nada mais.

O povinho e a intelectualidade não serão contemplados pelo sorriso da sorte, ficarão lá fóra, pagos e satisfeitos de, tomando média no café da esquina, ouvirem o radio.

O preço das diversas categorias de ingressos são simplesmente proibitivos.

Deixemos de lado as frizas e os camarotes só atingíveis aos tubarões de alto bordo. Vejamos os lugares mais modestos: poltronas e balcões a 115\$, cadeiras de foyer a 80\$500; e o galinheiro, o nosso querido galinheiro, a 25\$300!

Uma familia operaria não muito grande que quizesse matar a vontade de ir ao Municipal, deveria arcar, numa só noite, com a despesa de 100\$.

Tambem a arte é um privilegio de classe. A ganancia dos cantores "de cartás" e dos empresarios exclue, das manifestações artisticas, a grande massa.

Para o proletariado deveria bastar a musica das kermesses em favor das multas e varias "matrizes" ou então o jazz do "Onze Heróis F. C."

E depois queixem-se, esses cartolas, de que os trabalhadores aprendam a musica da "Internacional" ou do "Filho do Povo".

M. A. Jr.

"O HOMEM LIVRE"

Em virtude da modificação havida na parte administrativa deste jornal, a presente edição aparece com um atraso de uma semana.

Sanadas com vantagem as dificuldades de ordem administrativa surgidas, "O Homem Livre" deverá em breve ser publicado com maior regularidade.

O proximo numero sairá na proxima 2a. feira, dia 21.

A Redacção

A figura do Bobão grande

Muitos especímenes são assim porem o exemplo que aqui fica especifica a qualidade de bobão de que se trata.

Ele virou moralista da ultima hora. E ao saber que alguma senhorita tinha ido ao Clube dos Artistas Modernos dizia com loquacidade: "Não repita isto nem nenhum outro lugar porque poderão fazer juízo mau da você".

O Clube dos Artistas Modernos! Pensava ele acanionamente que o Clube podia ter a seguinte pintura pessimista:

E' um lugar arredo das vistorias policiaes apesar de ter sempre pago seus alvarás que custam os olhos da cara; é um recanto perigoso para a reputação de uma pessoa honesta deste e da. quele sexo; lá passelam milhares de mulheres de especie vária nuas e de mão no bolso e ás mesmas se chamam modelos; que muito se bebe e canta lá; que é um antro de concentração de gente incrivelmente facinorosa, dos tais de "comunistas". Esse o conceito que fazia o bobão alçado a conselheiro.

Resposta:

O Clube dos Artistas Modernos, é an-

tes de tudo um laboratorio de experiencias (ver: programa do C. A. M) o Clube dos Artistas Modernos não liga importancia á estupidéz de individuos recalçados sejam eles ditos artistas ou açougueiros; que em nossa casa não se racha lenha; que é lugar publico a que frequenta quem paga mensalidade ou 10\$000 e 400 réis nos concertos; que o Clube não dá acesso a cretinos porque não quer mudar o nome de "modernos" para "burros". O resto diz respeito á mãe.

F. M. A.



Tipogr. Frankenthal

Rua José Paulino, 49
Tel. 4-6066

Façanhas do Hitlerismo

O Conde Helldorf, atual chefe de polícia de Berlim, é um assassino

(DO JORNAL "AUFRUF" QUE SE PUBLICA EM PRAGA)

Chegou-nos às mãos, vinda de fonte absolutamente informada e segura, a seguinte relação circunstanciada do assassinato de Steinschneider-Hanussen.

Sabe-se da versão que a justiça criminal hitleriana dá sobre este crime: o "vidente" teria sido morto pelo Comissário nazista, Oost, do Mosschhaus. A versão que nos dá porém o nosso autorizado colaborador parece-nos tão importante e digna de fé, que julgamos necessária a sua publicação.

Em fins de março apareceu nos jornais alemães a notícia de que o famoso "vidente" Erik Hanussen fora encontrado morto numa clareira de bosque perto da aldeia Zossen. A polícia pensou primeiro que se tratasse de um suicídio; depois, pensou-se que se estivesse em presença de um crime por vingança ou por ciúme; e finalmente jogou-se a culpa sobre os comunistas, a quem Hanussen fazia uma guerra cerrada desde meses. O "profeta" do terceiro Reich, amigo íntimo dos novos detentores do poder, foi jogado de lado e nenhuma autoridade se preocupou com o caso. Não havia o menor indício dos autores do crime. Era de admirar que os nacional-socialistas passassem em silêncio o assassinato, não o aproveitando para a sua publicidade apalhafatosos era de admirar que as autoridades não mostrasse nenhum empenho em provar a suspeita de assassinato levantada contra os comunistas. Entrementes já onze semanas se passavam, e a polícia não tinha nenhuma pista dos matadores de Hanussen. Há muito tempo que ela pôs de lado o inquerito, na esperança de que ninguém viesse achar o fio da meada.

Se outras pessoas se entregassem a um trabalho de detective e deslindaram a ação criminosa, não o fizeram, entretanto, por amor da vítima, mas para mais uma vez demonstrar, armado de autênticos documentos materiais, como a assassinato puro e simples, por motivos de interesse material, tornou-se hoje um instrumento dos líderes nacionais.

O papel que o artista judeu Hermann Steinschneider, ou Jan Hanussen, como vidente, desempenhou no "movimento de libertação nacional", é já de muito conhecido. Todo mundo sabe que ele rufava os tambores da reclamação de seus amigos nacional-socialistas, e com isso ganhou muito dinheiro. O Conde Helldorf, comandante geral das tropas de assalto nazistas era seu íntimo. Ele costumava passear no auto de Hanussen, repartia com ele as suas amantes, farravam juntos e colocava o descendente de judeus sob a proteção dos nazistas. O auto de Hanussen foi sempre acompanhado por dois milicianos nacional-socialistas, e na sua casa permaneciam de guarda, noite e dia dois outros homens das tropas de assalto.

O conde Helldorf já era então uma personalidade poderosa, mas ainda lutava com dificuldades financeiras. Era Hanussen quem sempre lhe tirava do aperto até que esses obsequios atingiam a soma respeitável de 136.000 marcos. Apesar de tão amigo de Helldorf, Hanussen não deixava de se precaver para cada emprestimo concedido, com um título de dívida. E ele era tão vidente que sabia que esses títulos só estavam bem guardados em sua carteira.

A amizade entre o conde nazista e o judeu Steinschneider perdurou após a vitória do movimento nacional-socialista. Então, Hanussen esperou obter o pagamento dos seus empréstimos feitos não somente a des nazistas, entre estas Freisler e Ley, mas também em agradecimento pelos serviços que prestara. Essas esperanças falharam, e Hanussen, que estava ele mesmo em apertos financeiros, procurou os seus credores, pedindo-lhes que saldassem

os compromissos. Quando estes lhe deram a entender que o melhor era ele calar-se e ficar quieto, cometeu a temeridade de mostrar publicamente os seus títulos de dívida e, por cumulo, ainda escreveu uma carta a Hitler. Ao fim de sua vida, Hanussen mostrou que era um muito mau vidente. Pois todo mundo teria previsto as catastróficas consequências dessa iniciativa.

O homem tornava-se assim muito incomodo e comprometedor. Hitler ficou seriamente zangado com o leviano conde, que estava destinado ao posto de chefe de polícia. O conde foi chamado a Munique, à casa parda (a central do partido) e aí recebeu ordem de se reabilitar imediatamente. Na linguagem dos nacional-socialistas isto significa se ver livre sumariamente do judeu.

Durante esse tempo, Hanussen assinava um contrato, em primeiro de março, para o Scala de Berlim. Então ele ainda não sabia da tempestade que se estava formando sobre a sua cabeça. À noite de 12 de março, durante a representação, milicianos nazistas, por ordem de Helldorf, davam uma busca na casa de Hanussen à procura dos títulos. Nada acharam. Ao findar a representação, foram buscar Hanussen no seu camarim, e levaram-no para sua casa. Aí recebeu ele o aviso de que Helldorf queria falar-lhe com urgência. Hanussen, ainda sem nada desconfiar, subiu ao seu carro, acompanhado de dois homens. Foi encontrar o conde, em casa, a rua Greifswalder, 79, à uma e meia da manhã. A conversa entre os dois amigos parece que foi muito curta, pois já às duas da manhã deixavam ambos a casa, tomavam o carro com mais quatro milicianos nacional-socialistas e partiam. Desde esse momento, o vidente Erik Jan Hanussen desapareceu. No dia seguinte de manhã, a direção do Scala recebia a comunicação do secretário de Hanussen, Chigi, que o vidente tinha se internado num sanatório devido a um súbito ataque de nervos.

O carro com Hanussen e o conde Helldorf seguiu na direção de Zossen, mas no caminho enguiçou. Hanussen deixou o auto, atrás dele Helldorf tirou o revolver e deu cabo pessoalmente do judeu com três tiros. A carteira, onde se achavam todos os títulos de dívida e todos os papéis que podiam identificar o morto, foram retirados. Para esconder a sua identidade foram desfechados no rosto do cadáver mais 14 tiros.

O conde Helldorf, que tão brilhantemente soube reabilitar-se, estava predestinado ao cargo de chefe de polícia de Potsdam. Estamos convencidos de que esta versão, que depois de dois meses de pesquisas pode ser constituída, há muito tempo que já era do conhecimento da polícia criminal de Berlim. O senhor comissário Branschitz podia dar informações bastante esclarecedoras.

Se depois do assassino policial Hein, do assassino de Erzberger-Schulz, do morfinômano Goering, do homossexual Roehm, do caluniador Goebbels e de todos os outros chefes criminosos do nacional-socialismo, também o conde Helldorf vem enriquecer o album de crimes dos novos "libertadores", só incorrigíveis otimistas poderão admirar-se por isso. "Por 136.000 marcos pode-se facilmente cometer um assassinato", pensou consigo mesmo o chefe nazista Pichel, que já de 500 marcos para cima faz negócios como estes."

A redação do "O HOMEM LIVRE", não se responsabiliza pelos conceitos expendidos em artigos assinados ou com pseudônimo.

"Eu amo a verdadeira Alemanha"

Carta aberta de
Romain Rolland
ao "Koelnische Zeitung"

"Sr. Redator Chefe,

Comunicam-me as linhas que a "Koelnische Zeitung" consagrou à minha pessoa nas "Rundnoten" do seu numero de 9 de Maio (n. 251).

E' bem verdade que eu amo a Alemanha e que eu a defendi constantemente contra as injustiças e a incompreensão do estrangeiro.

Mas a Alemanha que eu amo e que alimentou meu espirito é a dos grandes WELTBURGERS — "cidadãos do mundo" — DOS QUE SENTIRAM A FELICIDADE E A DOR DOS OUTROS POVOS COMO SE FOSSEM AS PROPRIAS. — dos que trabalharam pela comunhão das raças e dos espíritos.

Essa Alemanha está abatida, ensanguentada e ultrajada pelos seus atuais governantes "nacionais", pela Alemanha de cruz gamada, que expulsa de seu seio os espíritos livres, os europeus, os pacifistas, os israelitas, os socialistas, os comunistas, os que querem fundar a Internacional do Trabalho. Como não vêem que esta Alemanha nacional-fascista é a peor inimiga da verdadeira Alemanha, que ela renegou?

Tal política não é apenas um crime contra o espirito humano, mas também contra a vossa própria nação. Vós a sangrais de grande parte de suas energias, vós lhe fazels perder a amizade de seus melhores amigos no mundo. Vossos "Führer" realizaram a tarefa de criar a união contra vós, em todos os países, dos nacionalistas e dos internacionalistas. Vós vos negais a vós. Vós preferis falar de uma conspiração contra a Alemanha. Sois vós, vós mesmos, unicamente vós quem conspirou contra vós!

Eu denunciei aos olhos do mundo a iniquidade de que a Alemanha foi vítima após a vitória de 1918. Eu reclamei a revisão dos Tratados de Versaillies, impostos pela força. Eu reclamei a igualdade de direitos da Alemanha aos das outras nações. Mas vós pensais, porventura, que eu o reclamei em favor de uma iniquidade maior, de uma Alemanha que viola, ela mesma, a igualdade das raças humanas, e todos os direitos do homem, que nos são sagrados? Os mais encarniçados adversários da revisão dos tratados não poderiam agir de maneira mais pesada contra a Alemanha do que, vós, vós mesmos, não o tenhais feito.

O futuro vos esclarecerá — muito tarde! — acerca de vosso erro mortal, cuja única desculpa é o delírio de desespero a que a cegueira e a severidade de vossos vencedores de Versaillies vos tinham atirado.

De meu lado, eu mantereí, a despeito de vós e contra vós, meu apêgo à Alemanha — a verdadeira Alemanha — que os delitos e as aberrações do fascismo hitleriano desonram. Eu continuarei a trabalhar, como fiz durante toda a minha existência, não em proveito do egoísmo de uma nação isolada, mas por todas as nações associadas, pela a Internacional dos espíritos e dos povos.

15 de Maio.

ROMAIN ROLLAND

P. S. — Vós tratais de calúnias, as acusações da imprensa estrangeira contra o fascismo hitleriano.

Possuimos, entretanto, um facto dossier" de testemunhos de proscritos em que se mostra quais têm sido as atrocidades violências cometidas pelos camisas pardas, violências essas que nenhuma sanção oficial castigou ou lastimou.

Não podeis desmentir as próprias declarações dos vossos chefes: Hitler, Goering, Goebbels — publicadas e difundidas pelo rádio — em que se excita a violência. As afirmações de uma raclama insultuosa para todas as outras raças, contra os judeus, tudo isso lembra a idade média, época fe-

Edições Unidas

Enriqueça a sua estante sociológica com estes livros

Uma Biblioteca não é um luxo, é uma necessidade

SOCIALISMO:

MANIFESTO COMUNISTA—Karl Marx 29000
PRINCÍPIOS DO COMUNISMO — Friedrich Engels . . . 19500
SOCIALISMO UTOPICO E SOCIALISMO CIENTIFICO — F. Engels . . . 35000
A B C DO COMUNISMO — N. Bukharin . . . 55000

FILOSOFIA:

CÂNDIDO — Voltaire . . . 45000
O MARXISMO — Vários autores . . . 45000
CONCEPÇÃO MATERIALISTA DA HISTÓRIA — Plekhanov . . . 18500
LUDWIG FEUERBACH E O FIM DA FILOSOFIA CLÁSSICA ALEMÃ — F. Engels . . . 45000
PARADOXOS — Max Nordau . . . 75000

ECONOMIA:

O CAPITAL (Resumo) — Carlo Caffero . . . 45000
O PLANO QUINQUENAL—L. Trotsky 45000
OS PROBLEMAS DO DESENVOLVIMENTO DA U. R. S. S.—L. Trotsky 35000
BANCOS POPULARES E CRÉDITO AGRÍCOLA — Fábio Luz Filho . . . 85000
O COOPERATIVISMO E OS LATIFUNDIOS — Fábio Luz Filho . . . 45000
O VERDADEIRO E O FALSO COOPERATIVISMO — Fábio Luz Filho . . . 35000
SOCIEDADES COOPERATIVAS — Fábio Luz Filho . . . 105000

POLÍTICA:

NO CAMINHO DA INSURREIÇÃO — N. Lenin . . . 65000
A REVOLUÇÃO ESPANHOLA — L. Trotsky . . . 35000
TEMPESTADE SOBRE A ÁSIA — L. Mantsô . . . 35000
REVOLUÇÃO E CONTRA-REVOLUÇÃO NA ALEMANHA — L. Trotsky 75000
O QUE É A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO — L. Trotsky . . . 25000

Antes, a leitura; depois, cada qual aja como quiser.

A America do Sul na política mundial

(Conclusão da 1.ª pag.)

curto — a guerra mundial teve nesta evolução das condições políticas um papel fundamental — a expansão norte-americana sobre o centro e o sul do continente conseguiu realizar avanços decisivos. Uma após outra, as posições económicas da Inglaterra passaram para as mãos dos yankees, e países tais como a Bolívia, a Venezuela, a Colombia, Cuba, Mexico, Peru e Chile, que eram, há apenas 20 anos, dominios incontestados do capital inglês, foram transformados em colônias económicas de Wall Street.

E na America do Sul que a expansão capitalista dos Estados

Unidos abriu as brechas mais importantes e as mais dolorosas no edificio economico erigido por Londres, á custa de tantos esforços. Foi aí que Tio Sam encontrou as bases mais sólidas para a luta contra determinados monopolios ingleses, como o do petroleo. Presentemente, só o Brasil e a Argentina podem ainda ser considerados como tendo ficado fieis ao domínio britânico. Este ultimo país é com efeito uma das ultimas cidadelas de poderio inglês na America Latina.

Mas fóra das considerações puramente económicas, o continente sul-americano apresenta uma importancia consideravel, como posição estratégica de primeira ordem num mundo em que os complexos politicos e economicos envolvem, não esferas estreitas de interesses, mas continentes e oceanos inteiros. Com efeito, a luta pela posse do Pacífico está estreitamente ligada ás contingencias sul-americanas, e, como o poderio marítimo dos E. Unidos tem, na zona do Panamá, o seu calcanhar de Aquiles, perigosamente exposto ás flechas británicas, ou, para sermos mais explicitos, aos ataques dirigidos pela Inglaterra de suas possessões do Mar das Antilhas, concebe-se facilmente porque os Estados Unidos querem assegurar-se numa hegemonia politica e economica ao longo das costas do Oeste do continente sul-americano (Chile, Peru, Venezuela). Observa-se também, consequentemente nesta esfera de interesses mundiais tão contraditórios, uma febre belicosa intensa, cuidadosamente mantida pelos interessados.

Obrigações — Bonus Promissórias

C. I. T. A. mantém um excelente serviço de informações sobre valor, vantagens e condições dos títulos públicos.

Fazei vossos negocios por intermedio de

C. I. T. A. LDA.

Direção de Percy D. Levy
São Paulo — Santos — Rio
Caixa Postal 3740 (S. Paulo)

lamente já bem passada para o Ocidente.

Não podeis desmentir esses autos de fé do pensamentos, essas infantia fogueiras de livros que se acham espalhados pelo mundo inteiro. Não podeis desmentir ainda essa insolente intrusão da politica nas Academias e nas Universidades. Pensais, por acaso, que os grandes perseguidos da ciencia e da arte, não pesam mais, muito mais, na balança da opinião mundial do que as ridiculas excomunhões dos vossos inquisidores".

R. R.

"MANUAL ORTOGRÁFICO"

POR UM PROFESSOR

Com prefácio de Medeiros de Albuquerque. Aprovado pela Federação das Escolas de Comércio de S. Paulo

PREÇO 12\$000

A' venda em todas as livrarias

Gráfico Editora Unidas Ltda.

A situação internacional do commercio da Alemanha

AS EXPORTAÇÕES CAIRAM DE 8,8 % EM JUNHO E O "SUPERAVIT" DA BALANÇA COMERCIAL DIMINUIU DE 68 %

"O crescente isolamento da Alemanha, não só político como também comercial, foi claramente revelado pelos dados sobre a balança comercial para Junho, publicados pela Repartição de Estatística do Reich.

COMO OS ALGARISMOS CONTAM OS FATOS

As exportações caíram de 421.800.000 marcos em Maio, a 384.500.000 em Junho, isto é, um decréscimo de 8,8 o/o. As importações, no mesmo período de tempo, aumentaram de 33.200.000 marcos para 355.800.000, isto é, um aumento de 7 o/o. O excesso das exportações sobre as importações caiu de 88.600.000 marcos em Maio para 28.800.000 em Junho.

O "superavit" da exportação sobre a importação durante o primeiro semestre do ano corrente, comparado com os algarismos do semestre correspondente do ano passado, revela uma queda de mais de 51 o/o.

Estes algarismos desvanecem as esperanças despertadas pela exposição dos dados inesperadamente favoráveis do mes passado. E' significativo que a maior baixa havida na exportação tenha sido na classe das mercadorias manufaturadas que revelou um decréscimo de 10 o/o em comparação com o mes anterior. E isso apesar dos esforços para financiar exportações "adicionais" com o dinheiro dos credores de Alemanha pelas restrições de cambio e pela moratoria parcial das trans-

O FECHAMENTO DOS MERCADOS A ALEMANHA

O principal fator desses resultados é, conforme o relatório da Camara de Comercio da Alemanha, o fechamento de muitas nações para as mercadorias de origem alemã. Esta situação é devida, em grande parte, á depreciação das moedas, ás barreiras alfandegárias e ás restrições de cambios, mas já se vai admitindo também que influe o sentimento anti-alemão no mundo inteiro e que foi causado pelas medidas anti-liberais do presente regime na Alemanha, como faz sentir cautelosamente o "Deutsche Bergwerke Zeitung", órgão dos industriais do Ruhr."

HITLER DA O SINAL DE RECUAR

Os discursos mais recentes do chanceler e os atos do governo indicam que aquele deseja cada vez mais re-frear a interferencia nazista nos negócios privados. A maior parte dos commissarios nazistas nomeados para gerir toda a sorte de negócios foi retirada e Otto Wagner, Commissario-chefe economico, foi licenciado.

O proprio Hitler publicou um aviso á ala mais radical do partido, de que pretendia retirar dos seus postos todos os commissarios economicos e abandonar a 1 de Outubro o sistema de espionagem comercial e controle de negócios."

(Do "New York Times", 16 de Julho).

Continua a baixa dos salarios na Italia

A média do custo da vida, na Italia, entre 1927 e 1932, diminuiu, segundo os numeros-indices oficiais, de ... 15,73 o/o.

Qual foi, no mesmo período, a sorte dos salarios dos operarios? O "Lavoro Fascista", órgão dos funcionarios dos sindicatos fascistas, faz sobre o assunto as considerações seguintes:

"Para os operarios das indústrias quimicas estabeleceram-se tres reduções de salarios, num total de 20 a 25 por cento. Nas indústrias de seda artificial verificou-se uma redução de 20 o/o; em certas provincias, como na de Turim, onde se encontram os estabelecimentos mais importantes, como os de Snia-Viscosa, foi decidida uma redução suplementar de 18 o/o.

Quatro reduções seguiram-se na industria do algodão, num total de 40 por cento.

Na industria da lã as reduções sobem a 27 o/o; nas tecelagens de seda a 38 o/o; nas metalurgias a 23 o/o; nas contruções a 30 o/o; nas artes graficas a 16 o/o; nas minas a 30 o/o."

Mas essas porcentagens estão longe de representar a baixa efectiva dos salarios. O proprio jornal fascista apresenta alguns fatos.

"Constatamos, por exemplo, que nas empresas de produtos quimicos para a agricultura, o operario ganhava em 1927 um salario de 21,40 liras. Aplicando a redução official de 20-25 o/o, ele deveria receber hoje 16,45 o/o liras, no minimo; na realidade o seu salario efectivo é de 14 liras (o que quer dizer que a baixa de seu salario chega a 35 por cento).

Um outro exemplo na industria de seda artificial. Um tecelão trabalhando em duas maquinas ganhava em 1927 um salario global de 31,10 liras. Segundo as reduções officiais, ele deveria ganhar hoje 24,90 liras. Ao contrario ele recebe apenas 21 liras e, no lugar de trabalhar com duas maquinas, tem que garantir o trabalho de seis maquinas. Seu salario reduziu-se, pois, de

A França paga em ouro

A França repugna esconder-se por detrás da excomunhão sancionada pela própria America quanto aos contratos fechados em ouro, ou por detrás das decisões indicando que a Grã Bretanha procura aproveitar-se dessa situação, temporizando. Paris paga em dólar os interesses de o cambio-ouro. Esta medida do governo francês pôde ser considerada dólares na França, que estão ora obrigados a arcar com uma perda de quer como um gesto teatral para impressionar as galerias e para realçar a fidelidade imutavel da França ao tipo-ouro, quer como uma reprobção aos Estados Unidos pelo repúdio da clausula-ouro em todos os contratos.

Compromissos francêses em dólares, atingindo um total de 200 milhões, repartindo-se, igualmente, entre as emissões 7 1/2 e 7 o/o, compor suas obrigações-dólar, aumentados de um premio igual á depreciação sobre tavam cedulas vencíveis em 1.º de junho. O pagamento em taxa de cambio-ouro, em lugar de dólares, fez subir a soma paga sobre uma cedula de 37 dólares e meio a cerca de 44 dólares e meio, e sobre as cedulas de 35, a cerca de 41 dólares.

A atitude da França, em dezembro do ano passado, com relação ao pagamento dos interesses sobre as dívidas de guerra parece estar em contradição com a sua ação atual. Inquestionavelmente, considera-se que o pagamento deste premio, em oposição á atitude dos Estados Unidos, levantará o prestigio financeiro da França.

Naturalmente, isto não custa á França mais francos do que esta esperava pagar em dólares-ouro. A França se satisfaz, simplesmente, em não aproveitar-se da economia de seis ou sete dólares que ela poderia realizar em cada cedula. E' um luxo petúculo da Bela França atravessando o Atlantico para dar no Tio Sam esta liçãozinha em sua própria casa.

Os portadores de compromissos 15 o/o quando trocam moeda americana contra o seu proprio dinheiro, apreciarão, sem duvida alguma o esse, tanto mais que isso faz recair mais fortemente sobre o Tio Sam o que a França julga poder permitir-se o repúdio.

(Do "Washington Post").

cerca de 33 por cento, para um trabalho que se tornou tres vezes mais intenso.

Essa é uma das maravilhas do "Estado Integral".

A onda de sangue que se abateu sobre a Alemanha

4 execuções em Altona

BERLIM, 1 (H.) — O serviço de imprensa da Prussia publicou hoje este comunicado:

"Foram executados pela manhã em Altona quatro comunistas condenados á morte a 2 de julho ultimo pelo tribunal especial daquela cidade, como responsáveis pelo assassinio dos milicianos Koch e Buettig, durante manifestações all realizadas. Trata-se de Augusto Lueferts, marinheiro; Valter Mueller, operário; Karl Vols, sapateiro e Bruno Tesch, funileiro.

Incursão e assassinio no Tirol

VIENNA, 8 (H.) — Telegrapham de Kufstein para o "Reichspost":

"As autoridades bávaras foram autorizadas a enviar a esta cidade dois representantes seus para participar do inquerito sobre o assassinio de um policial austríaco por um bando armado, que fez uma incursão no Tirol.

Jornalista abatido a tiros

BERLIM, 8 (H.) — Comunicam de Detmold:

"Foi abatido a tiros, quando tentava escapar do caminhão que o transportava ao campo de concentração, na Baviera, o sr. Felix Schrenbach, redator do jornal "Volksblatt" e que serviu como secretário do ex-presidente do Conselho da Baviera sr. Justelsner, assassinado em Munique, em 1919".

A golpe de machado

HAMBURGO, 8 (E.) — Vilhelm Voeb foi executado, sendo-lhe decapada a cabeça com um golpe de machado no pátio da prisão. O executado fora recentemente sentenciado como autor do assassinio de um policial.

Uma noticia da pontinha...

ESSEN, 10 (H.) — Quando fazia esta noite a patrulha de vigilância noturna afim de impedir a distribuição de boletins subversivos, dois milicianos racistas trocaram tiros de revolver, imaginando ambos que estavam atacando alguns comunistas.

Um nazista teve morte instantânea e o outro ficou gravemente ferido.

CASA KLIASS

Praça Ramos de Azevedo n.º 18

CASA MILION

ALFAIATARIA E ROUPAS FEITAS

Rua Sta. Ephigenia, 129

sica popular brasileira. Sua característica principal reside no ritmo que é mais ou menos o mesmo nos côcos do norte, nos sambas e cateretês do centro no refrão de um grande número de modinhas de Minas Gerais, como também de lundu's chulas e batuques. Em todos estes generos a síncope domina, não a síncope como é conhecida na Europa, mas uma síncope muito-particular lugorosa, provocante, volutosa, mutavel, na qual a nota rapida não é nunca breve onde o acento cai geralmente sobre a nota que fica entre os tempos. E' um ritmo muito preciso apesar do seu langor e por isto mesmo a melodia não perde nunca seu equilibrio. Resulta daí um ambiente onde a nostalgia predomina e ao qual o encanto da novidade, do imprevisito, dá uma vida toda especial.

Estou convencida que um musico estrangeiro que ouvisse um exemplar de cada tipo musical que é possível encontrar-se no Brasil não guardaria de tudo isso senão dois generos, a modinha e o côco. E' que a modinha se coloca inteiramente á parte. E' sempre uma canção de amor, uma especie de serenata, lirica, sentimental de ritmo largo. Muito preciosa, rebuscada, quasi pedante no Rio, e mais simples, quasi infantil no Estado de Minas, tendo no norte e no sul caracteristicas menos precisas, nesses dois Estados.

O côco é para o nordestino o mesmo que a modinha para o carioca. E' o "prato de resistencia" dos cantadores e violeiros. Enquanto nas modinhas a letra tem sempre um sentido lirico se bem que estravagante ás vezes como em "O Pé" que Catulo Cearense compara a um pensamento de Pascal, nos côcos o desprêso da lo-gica e do verosimil se exprime com ironia e um certo ar de desafio. Aliás uma das distrações favoritas do povo brasileiro é o desafio. Tendo escolhido um tema musical, cujo refrão é repetido indiferentemente por todos os presentes ou somente pelos dois cantadores estes esforçam-se, revezando-se, por vencer o adversario. As perguntas e respostas sucedem-se sem interrupção cada qual mais extravagante que a outra durante horas a fio, e o vencedor será aquêle ou aquela que tiver esgotado a imaginação do adversario. Os côcos de embolada são muito usuais em Pernambuco e são tam-

PANORAMA DA MUSICA POPULAR BRASILEIRA

Elsie Houston Peret

bem empregados como temas de desafio. A palavra embolar não tem equivalente em francez, mas poderia ser traduzida por «rouler en boule». Trata-se de uma associação de vocábulos e de onomatopéias baseada na assonancia.

Os chulas cujo ritmo é marcado com o corpo pelos cantadores; os lundu's cujo assunto é geralmente alegre e ironico mas que existem sem letra para ser dançados; os batuques com ou sem letra, de um ritmo tão característico, que não dispensam nunca de instrumentos de percussão para o acompanhamento, e que os escravos apreciavam enormemente como o jongo que não se ouve mais; os cateretês cujos exemplares do Est. de S. Paulo são os mais característicos; os sambas cujo ritmo é o do côco e que estão em voga no Rio, (denominação esta que os compositores populares adotaram para seus numeros de successo no Carnaval, de preferencia a maxixe); todos estes generos têm uma certa afinidade entre si: seu ritmo é baseado na síncope que é diferentemente empregada em cada um destes tipos acima mencionados. São estes os generos mais espalhados pelo territorio brasileiro e que constituem por assim dizer o fundo do nosso folk-lore.

Não se pode entretanto deixar no esquecimento, os congados, bumba meu boi, pastoris, não catarineta, e é preciso reservar um lugar especial á musica das macumbas e aos seus executantes. O Congado, seu nome no-lo indica claramente, vem do Congo, e foi conservado no norte do Brasil pelos descendentes dos escravos originarios deste pais. E' uma representação na rua, como o bumba meu boi e a não catarineta, onde a musica tem a função principal. Os personagens do Congo ou Congado são: o rei, o principe herdeiro, o secretário do rei, seu filho, o embaixador, officiais, soldados, musicos e dansarinos. A principio a re-

presentação se fazia no idioma dos escravos vindos da Africa, mas hoje não resta do idioma original senão algumas palavras e refrãos provavelmente deformados de cujo sentido se perden. Todos os trabalhos domesticos os usos e costumes do antigo Brasil colonial se refletem nestas representações que são os documentos mais interessantes que possamos encontrar para o estudo do nosso folk-lore; musica esta intimamente ligada ás cenas, e nos revela intenções poeticas que sem ela não poderíamos perceber.

No bumba meu-boi os personagens são mais numerosos e á sátira que faz o fundo de cada cena não escapa nenhuma das personalidades representativas do interior do Brasil. A beleza e a diversidade dos temas musicais do bumba meu boi não tem equivalente no resto de nosso folk-lore. A influencia predominante é de origem africana. Outras influencias fazem-se igualmente sentir: a indigena e a illirica mais fortemente e as outras, — que deixaram traços no nosso folk-lore durante os tres ultimos seculos — mais longinquas. Não podia deixar de ser assim pois que estes espetaculos refletem fortemente a época e o meio de onde elas surgiam.

A não catarineta é de origem portuguesa. A cena se passa dentro de um veleiro. Os personagens são: os officiais de bordo, os marinheiros e o diabo na figura do gageiro.

O s pastoris variam segundo o meio onde elles são representados. Nos meios burguezes têm um caráter inteiramente religioso.

Este caráter existe se bem que muito apagado nos pastoris populares onde novos personagens dão á representação o aspecto de uma farça politica. Os principais personagens são as pastorinhas que dão o nome á festa. As chegancas, os reisados, as festas das Taieiras são outras representações de menor importancia e que são realizadas como as descritas acima na época do natal.

Antes de tratar da macumba preciso citar o chôro que é uma das diversões preferidas pelos musicos

(Continua)

"Si os francêses derrubaram a Bastilha, os brasileiros deveriam derrubar mil vezes a Penitenciária de São Paulo"

Um dos hábitos inveterados das autoridades brasileiras é conduzir o "extrangeiro ilustre" que aqui aporta por estudo, recreio ou simplesmente por cavação — o que é mais comum — a uma visita à famosa Penitenciária do Estado, após ter-lhe servido um prato de cobras no igualmente famoso Butantan.

Ainda recentemente o professor fascista Ernesto Bertarelli fez uma visita àquela "casa de CORREÇÃO", onde foi recebido — segundo relataram os jornais — com manifestações de agrado...

E ao finalizar a visita, o professor não podia deixar de enaltecer, como enalteceu, o regime de vida que os presidiários levam nesse "modelo estabelecimento".

Que um fascista louve o regime da Penitenciária do Estado não é coisa de admirar. Está no seu elemento.

Mas a verdade sobre a Penitenciária acaba de nos ser revelada por José Alves, um condenado inocente que cumpriu ali 14 anos de uma pena injusta, em entrevista concedida ao jornal carioca "A HORA" de 4 do corrente.

Reproduzimos a entrevista afim de que os nossos leitores fiquem informados acerca do que é a Penitenciária do Estado verdadeiro Camboi ou Gabinete de Investigações em ponto maior.

"Em 1919"

ESTALARA a greve nas Docas de Santos.

José Alves, era, então, o delegado dos estivadores do Rio, na sucursal de Santos. Como tal, dirigia o grupo profissional da sua sociedade. Nesta agia Manoel Campos, que vivia em sérias divergências com Alves, porque este não queria dar um caráter radical àquele movimento. Por isso, Manoel e Alves cortaram relações.

Ainda por esse fato, um outro grévista, Miguel de Souza, tem um corpo a corpo, horas depois, com Acilino Dantas felter das Docas de Santos.

Rancoroso, e como tivesse sido humilhado, Miguel jura vingar-se de Acilino.

E numa noite, em que Miguel de Souza, José Alves e outros viajavam em um bonde, entra Acilino, que, ostensivamente em ar de desafio, senta-se num banco próximo àquela em que viajavam os grévistas.

A's tantas Acilino vai saltar. E quando se dá o crime, Miguel de Souza sacando duma pistola, rápido, alveja, pelas costas, duas vezes a Acilino, prostando-o morto.

José Alves fôra apenas uma testemunha do homicídio!

O Processo o Juri, a condenação

José Alves, testemunha, passou a mandatório do crime. E isso, porque as Docas de Santos assim exigiram da polícia de Ibrahim Nobre.

Tendo sobre si as antipatias da diretoria das Docas de Santos, porque ele, José Alves, sempre fôra um defensor intemerato dos direitos de seus camaradas, aquela companhia, aproveitou o ensejo, oportuníssimo, para vingar-se daquele que até então, sempre sonhara, com a redenção da classe proletária.

Correu muito dinheiro! E Ibrahim Nobre, o famoso Ibrahim tão nosso conhecido, então delegado regional, em Santos, arranjou meios de envolver José Alves no processo.

Fel-o. E em 1.º de agosto de 1919 era José Alves roubado do convívio de sua família. Preso, dele, do verdadeiro homicida, e de outros dois companheiros, Santilgo Monteiro que ainda se encontra cumprindo, inocentemente, também, uma sentença de 30 anos, e Antonio Braga, que morreu no começo deste ano, no presidio, cumprindo a mesma pena a que fôra condenado, inocentemente, dos quatro acusados, o homicida e três inocentes, foram, pelo sr. Ibrahim Nobre e auxiliares arrancados falsos depoimentos, que mais tarde, no sumário de culpa foram destruídos.

José Alves foi detido, sem nunca ter sido preso, anteriormente.

Os seus antecedentes eram ótimos. Mas o juri santista não os reconheceu!... E condenaram com 30 anos o operário inocente!

Mas, que valia para aquele juri, presidido pelo juiz Mario Pires, a lição de um homem, mesmo tendo o verdadeiro homicida Miguel de Souza confessado a autoria e inteira responsabilidade do crime, no correr do processo, que valia a liberdade de um homem, repetimos, si o juri satisfazia, condenando-o, aos desejos e caprichos duma empresa poderosa como o é das Docas de Santos?...

O que José Alves viu nos 14 anos que passou na Penitenciária

Em suas impressões da Penitenciária? Foi isso o que quizesmos saber do inocente presidiário.

— Si os francêses tiveram razão de derrubar a Bastilha, os brasileiros deveriam derrubar, mil vezes, a Penitenciária de São Paulo!

— Mas toda gente diz que aquele presidio é o modelo dos presidios, arriscamos.

Malharía Losowski

Rua José Paulino, 80
Tel. 5-4163

Pequenos fatos da vida hitle-rista

Uma organização de espionagem nacional-socialista no estrangeiro

O Ministerio dos Negocios Extranjeros da Alemanha — relata o "In-press" de Paris — dirigiu em 24 de junho, a todos os representantes acreditados do Reich no estrangeiro, uma circular, concitando-os a criar serviços de policia secreta que devem funcionar sob a garantia dos imunidades diplomaticas. Agencias dessa natureza já existem em Paris, Strasburg, Zurich, Viena, Innsbruck, Praga, Varsovia, Copenhagen, Bruxellos, Londres e Roma (e nós podemos acrescentar, no Brasil, N. d. R.). A organização desses serviços foi confiada a um ex-agente da okhrama tsarista, certo von Meszaros, bastante conhecido como espião internacional.

NÃO SE PODE BATER NUM "FUHERER" NEM MESMO COM COM UMA FLOR.

O chefe do gabinete do Lanceler do Reich comunica o seguinte: "Por ocasião das ultimas paradas e visitas do Fuherer, alguns espetadores atiraram flores, novamente, no seu carro. Esta chuva de flores não está isenta de perigos para os ocupantes do carro, como o provam já muitos fatos. E' assim que um dos companheiros do chanceler recebeu em pleno rosto, um ramalhete amarrado com arame, que lhe feriu a face, tendo evitado por um movimento oportuno da cabeça o não ter perdido um olho. E' portanto absolutamente proibido jogar flores á passagem do "Fuherer".

(Do Koelnische Zeitung, jornal nazi).

PRISÃO DE QUATRO SUB-CHEFES NAZIS

"Quatro nacional-socialistas que ocupavam cargos importantes na direção econômica e politica do Partido, os capitães em repouso Korde-mann, von Marwitz, Wolf e Jucker, foram excluidos do partido, presos e internados num campo de concentração. Eles foram acusados de tentaram — por meio de telegramas e chamados telefonicos endereçados a dirigentes regionais, camaras de comércio e firmas importantes, "de ptivar e Fuherer da necessaria liberdade de decisão.

(Do Nazionalszialistische Krenes-telle, de Berlim).

José Alves sorriu:

— Em quatorze anos que lá passei nunca vi nenhum jornalista visitando o presidio. Vi muitos estudantes, é verdade. Mas quando eles, ou qualquer outra visita vae lá, tudo de ruim desaparece... As latas em que comemos são remetidas para o 5.º pavimento, onde não vae ninguém!... A comida que mostram aos visitantes, não é a que nos dão. Que esperança!... A alimentação que as visitas veem é a que os diretores comem... Isso sim!

"No tempo em que estive lá, vi coisas tremendas. Suicídios para mais de mil!... E perto de quatrocentos casos de loucura, pelos bons tratamentos que recebemos!... Essa é que é a verdade! Somos mal tratados, esbarrados e mal alimentados! E' um verdadeiro inferno aquela Penitenciária!"

— E as coisas não melhoraram com o advento da Revolução?

— A revolução? Só ouvimos falar nela... A revolução buíu em todo lugar, mas menos na Penitenciária. A coisa continuou e continuava a mesma lá dentro. Escapeli com vida, dali, por verdadeiro milagre! Muitas e muitas vezes eu vi Ibrahim Nobre matar dentro do presidio! Von lhe contar um caso. Havia lá dentro, detido, um pobre srlo. Seu paç, um negociante forte em Damasco, enviou ao sr. Ibrahim Nobre 300 libras para o filho ser solto. O famoso policial recebeu a dinheirama, e deixou o rapaz no presidio...

Em dois anos de trabalho, em andei, entre a penitenciária e o lugar em que exercíamos nossas profissões nada menos de cerca de oitocentos mil metros!... Digo-lhe isso porque contei os passos que dei, e depois reduzi-o á metros! Em 1927, em contral uma pleurisia, no carcere. Desde então baixei á enfermaria. Onde estive até a semana passada, e onde me foi encontrar o perdão, que o general Waldomiro Lima, justamente me concedeu."

Sempre firme!

— Desde 1884 que sou operário estivador. Sempre lutei pela minha classe, até que me meteram no carcere. Fui o fundador da sede da União dos Estivadores, em Parana-gua, Aracaju e S. Salvador. E agora, que volto á liberdade, mesmo velho e muito doente, continuarei a lutar pela minha classe..."

A União dos Estivadores Baianos, a grande protetora de José Alves

José Alves pediu-nos que publicamente, trouxessemos aos directores da União dos Estivadores da Bahia a gratidão enorme de todos os seus, e, particularmente, a sua, pelos grandes benefícios que aquela sociedade lhes trouxe. E detalhou:

— Minha companheira e os meus filhos tiveram sua casa nesse tempo maior e mais confortável. Não satisfeitos com isso, e com o trabalho que tiveram, durante 14 anos, lutando pela minha liberdade, na ves-pera de eu ser perdoado, o seu presidente, Antonio Rodrigues de Souza, esteve aqui em casa, dando á minha companheira quatrocentos mil réis, para suas necessidades! Foram incalçáveis e bondosíssimos para mim.

O senhor Evaristo de Moraes, que com Mauricio de Lacerda, Mozart Lago e Nicanor do Nascimento, tanto trabalhou pela soltura de José Alves, logo que soube da sua liberdade, dirigiu á familia do operário inocente, a seguinte carta:

"Rio, 31-8-933. — A' familia de José Alves. Envio minhas sinceras felicitações pela liberdade do velho martir, vitima da plutocracia das Docas de Santos. A ele um abraço do Evaristo de Moraes."

A COOPERATIVA MOVEIS E TAPEÇARIAS

Rua José Paulino, 80-A
Tel. 4-0918

"E' mesmo verdade!"

O conde Reventlow, amigo pessoal de Hitler, confessa as atrocidades

Partidário da guerra e anexionista, o conde Reventlow tornou-se, depois da conflagração de 1914-18, um dos mais encarniçados propugnadores e sustentáculos da reação. Em 1923, foi partidário de certa concepção politica que tinha muitos pontos de contão com o atual "nacional-socialismo". Hoje, Reventlow é dos mais fieis e convencidos partidários de Fuhrer.

Meu honrado chanceler e chefe, Julgo de meu dever trazer ao vosso conhecimento a seguinte declaração:

As perseguições e os maus tratos inflingidos aos membros das organizações sindicais pelos S. A. continuam e atingiram tamanha amplitude que deles resultarão — estou convicto, — grandes perigos de diversas naturezas. Não entrarei em detalhes apezar de os colocar á vossa disposição. O processo geralmente seguido é o seguinte: os sindicalistas em questão, inclusive as mulheres, são arrastados aos locais das S. A. onde são surrados e maltratados, ás vezes com tanta brutalidade que é impossível descrever. Também não é raro roubarem bens pessoais nas casas dessas pessoas. Nas sedes sindicais, destrói-se tudo e apodeiram-se do dinheiro disponível, que, por vezes, são economias de agrupamentos de jovens. Estas coisas não se passam apenas em Berlim, mas sim em todo o Reich, e igualmente nas regiões do Leste, onde adquirem um aspecto particularmente inquietador.

Para os sindicalistas, as sedes sindicais constituem uma espécie de lar ao qual eles são muito afeiçoados. Presentemente proíbese aos jovens de se servirem dos locais de seus círculos, das salas de ginástica, etc. Tudo isso constitui um atentado sério, grave, violento — diria, testemunhando animosidade — contra a vida privada de todos os membros dos sindicatos. Os objetos que eles possuem desde muitos anos, mesmo pequenos objetos de uso pessoal, foram roubados.

Drs. Bruno Barbosa e Silveira Melo

Advogados

Rua São Bento, 58 — 2.º andar
Tel. 2-3780

Os "camisas ka-ki" expulsos de Hammonton

Os fascistas norte-americanos vêm recebendo, por parte do proletariado dos grandes centros industriais uma recepção que lhes é muito digna e que devia ser imitada entre nós. De fato, os fascistas amarelos foram expulsos de todas as reuniões publicas em que ultimamente quizeram intervir. A ultima noticia desse genero é a que extrahimos do "La Stampa Libera", um dos jornais dos trabalhadores italianos de Nova York.

HAMMONTON, N. Y. 12 — Um bando de 40 "Khaki Shirts" "camisas cáqui" comandado pelo "super-Mussolini" Art Smith, que se revelou como formidável corredor de fundo, meio fundo e raso por ocasião das recentes fugas a que foi obrigado, chegou nesta aldeia do South New Jersey com a intenção de realizar um comício fascista e de provocar os operários unionistas.

Mas o prefeito Clifford Small tocou o bando para fóra da cidade. Essa energica autoridade aproximou-se de Art Smith e disse-lhe: "Puxa daqui imediatamente! Não o queremos entre nós!"

Em seguida acoimou-o publicamente de mentiroso sem que o "fuhrer" americano tivesse a coragem de reagir.

Os "Khakis Shirts" tomaram o caminho da volta acompanhados por um forte destacamento de policia vindo pela prefeitura que recebia da rem os operários rude lição aos intrusos mercenários da reação.

Depois das adversidades de Allentown, das pancadêlas de Filadelfia e dos pontapés de Cawden, os fascistas de camisa amarela e de capacete prussiano devem marcar no seu passivo este novo e solene "flasco" de Hammonton.

Os membros dos sindicatos aderem ás nossas células-de-empresa só pelo medo de perder o pão e é esse medo a unica razão pela qual eles dissimulam seu amargor.

Durante as ultimas semanas, acumulou-se, muito odio e eu considéro que ai existe um grande perigo, sem falar sobre o fato de que tais métodos são injustos e testemunham o pouco respeito que nós temos para com os nossos compatriotas. No fim de contas, é preciso não esquecer-se de que os sindicatos livres, isto é, os sindicatos socialistas, possuem ainda 4 milhões de membros, sem falar dos milhões de que esses membros são o sustentáculo.

Os atos dos S. A. são humanamente explicáveis, até certo grau, mas esse grau já foi transposto ha muito tempo. Alguns dos que foram maltratados fojem para o estrangeiro, vendo o seu futuro ameaçado. Se outros se filiam aos Capacetes de Aço, o fazem para subtrair-se a novas ferocidades. Acrescento que, frequentemente, são obrigados a assinar uma declaração confessando que foram bem tratados.

E' natural que num periodo de insurreição se produzam coisas anormais, mas eu me sinto obrigado a assinalar o grande perigo que pode surgir para o nosso futuro pelo fato de conduzirmos milhões de patriotas nossos a sentimentos de odio e de desespero em lugar de procurar ganhá-los para a nossa causa.

Ser-vos-la possível publicar, em vossa qualidade de chanceler, uma declaração ou um apelo proclamando a paz, desaprovando as devastações dos bens sindicais e prometendo que será dada satisfação aos nossos patriotas operários que foram injustamente atacados? Tal medida teria um efeito feliz nos dois campos.

As massas operárias, que se encontraram sob a direção dos socialistas, encontram-se, presentemente mesmo fóra dos sindicatos em plena desorganização e em pleno desespero. Chegou o momento de conquistá-las para a nossa causa.

Sois vós, chanceler e chefe, quem, perante este estado de espolio, estais chamado para fazer grandes coisas. Fazei-as, eu vo-lo peço.

Nossos interesses nacionais, nosos interesses internos e externos, as necessidades sociais, os sentimentos de solidariedade nacional, de justiça e de magnanimidade — tudo isso converge para um unico ponto central!

Heil Hitler e saudações alemãs!
Conde E. Reventlow
Grosse Weinmeisterstr. 62
Potsdam

PELERIA

NOVA YORK

R. Bar. de Itapetininga, 50
Telephone, 4-8942

Frederico Gámbara

ADVOGADO

Praça da Sé 6 — 2.º sob.
Tel. 2-2157

PÉLES KLIASS

BARÃO DE ITAPETININGA N. 44
TELEPH. 4-4517

ELIAS MACHADO

ENGENHARIA CIVIL

R. LIB. DARADÓ, 30